O materialismo histórico de Cohen:
um determinismo tecnológico fadado a uma guinada normativa

Fabien Tarrit
Ceras-omi lame, Université de Reims Champagne-Ardenne
Tradução de Fernando Ferrone

O materialismo histórico de Cohen:
um determinismo tecnológico fadado a uma guinada normativa

Este artigo tem por objetivo apresentar e criticar a defesa da concepção marxista da História feita por Cohen. Seu primeiro livro, *Karl Marx's theory of history: a defense*, é considerado o documento fundador do marxismo analítico. Sua originalidade é utilizar o texto do conhecido "Prefácio" de 1859 e dar a ele uma interpretação não-dialética e causal. A história é vista como uma relação entre forças produtivas e relações de produção, em que as primeiras, redutíveis à ciência, tendem a se desenvolver incessantemente durante toda a história. A abordagem de Cohen, que podemos chamar de determinismo tecnológico, se fundamenta na explicação funcional. Assim, o artigo mostra como Cohen, em uma edição nova e ampliada do livro, reviu suas reivindicações centrais para dar a prioridade a explicações normativas.

Cohen's historical materialism:
a technological determinism doomed to a normative turning

This article aims to present and criticize Cohen's Marxist conception of History. His first book, *Karl Marx's theory of history: a defense*, is considered as the founding document of analytical Marxism. Its originality lays in the use of the text of the "Preface" of 1859, in a non-dialectical and causal interpretation. History is seen as a relationship between productive forces and relations of production, in which the former, reducible to science, tend to develop ceaselessly during History. Cohen's approach, which we may call technological determinism, is based on a functional explanation. Therefore, the article shows how Cohen, in a new and enlarged edition of the book, has revised his central position in order to prioritize normative explanations.

> Já no final dos anos setenta, mas principalmente durante os oitenta, o Marxismo teve um florescimento na vida intelectual americana (Sayre, 1989, p. 7).

Gerald A. Cohen não é apenas o responsável por essa afirmação. Seu *Karl Marx's theory of history: a defense* é um de seus livros, se não o livro, em teoria marxista, que foi objeto de mais debates durante os últimos 25 anos nas academias anglófonas. Ele foi publicado em 1978, numa época em que a ideologia de direita era largamente dominante e o marxismo ocidental estava em declínio. O prefácio de *Para uma crítica da economia política*[1] é um dos escritos de Marx que foram mais discutidos e mais interpretados ao redor do mundo. Ele é considerado o escrito que expõe mais claramente o materialismo histórico. É à sua exposição que G. A. Cohen consagrou a maior parte de sua carreira acadêmica. Sobre ele, Cohen escreveu quatro livros, numerosos artigos, porém, ainda é mais conhecido como o autor de *Karl Marx's theory of history*. Certamente, não é superestimar sua importância afirmar que esse livro se tornou um estandarte para uma geração de marxistas acadêmicos. Em 2000, uma edição renovada e ampliada foi publicada, com quatro novos artigos e uma introdução que já havia sido escrita.

O objetivo deste artigo é avaliar o livro de Cohen de duas maneiras. De maneira estática, considerando a edição inicial, e de maneira dinâmica, considerando a nova edição à luz de duas variáveis: em

---

[1] O autor faz referência à versão inglesa, Marx (1971, p. 21). Doravante esta obra será apresentada somente como "Prefácio".

primeiro lugar, como o resultado de uma série de debates iniciada com o livro naquilo que ficou conhecido como "marxismo analítico" e, em segundo lugar, como uma ilustração do percurso intelectual do autor. Cohen foi parabenizado por aqueles que se tornariam seus companheiros no Marxismo Analítico, dentre outros por Jon Elster e John Roemer.

Para Elster, "acima de tudo, a publicação do livro *Karl Marx's theory of history* de G. A. Cohen foi uma revelação. Da noite para o dia, ele mudou os modelos de rigor e clareza requeridos para escrever sobre Marx e o marxismo" (Elster, 1985, p. xiv). Roemer afirmou que: "Felizmente, houve um renascimento do trabalho analítico no materialismo histórico; vale citar notadamente a exposição e a defesa magnificamente claras do materialismo histórico feitas por Cohen" (Roemer, 1982, p. 264).

É preciso esclarecer que esse livro, que não é exatamente uma agulha no palheiro,[2] tornou-se uma referência no marxismo anglo-americano, e pode ser encarado como o livro fundador do Marxismo Analítico. *Karl Marx's theory of history* não é apenas um livro claro e rigoroso, mas também suscita algum interesse devido a sua defesa original e inovadora do materialismo histórico. Ele inovou ao se valer dos instrumentos do *mainstream* acadêmico da filosofia analítica, algo que nunca fora feito de maneira sistemática (cf. Nowak, 1998). Essa inovação parece ser paradoxal, uma vez que ambos eram sistematicamente opostos um ao outro. Cohen "teve que se mostrar amplamente imune às correntes do Marxismo Ocidental, e ainda mais em aceitar a filosofia ortodoxa de Oxford" (Roberts, 1996, p. 2). Ele justificou sua postura da seguinte maneira: "Se você for jovem e de esquerda, e se você vier para a universidade com sede de idéias relevantes, e a filosofia acadêmica de tipo Oxford for o pri-

---

[2] "Se houvesse somente um professor nos Estados Unidos que lecionasse economia política e se declarasse socialista, esse professor não passaria de uma agulha que eu seria incapaz de encontrar em nosso palheiro acadêmico." (Upton Sinclair, *The Goose-Step:* Study of American Education. Pasadena, publicado pelo autor, 1923, p. 436).

meiro sistema que você encontrar, será difícil para você não se sentir desapontado ou até mesmo enganado por ela, e será natural para você pensar que o marxismo é uma poderosa alternativa e antídoto a ela. Mas se, como foi comigo, você começar pelo marxismo, não será difícil aceitar a filosofia analítica" (Cohen, 2000, p. xxi).

Desta maneira, Cohen pôde estudar o materialismo histórico como um conjunto de teses, de tal forma que o conteúdo do célebre "Prefácio" de Marx foi separado de seu método de exposição.

O materialismo histórico em teses

É possível encontrar dois tipos de preocupação em Cohen, a saber, aquela acerca do materialismo histórico e aquela sobre a teoria normativa. *Karl Marx's theory of history* parece não dizer respeito à segunda. Nesse livro, ele pretende defender "o materialismo histórico à moda antiga" (Cohen, 2000, p. x) e ele apresenta as condições de sua defesa: "de um lado, o que Marx escreveu, e, de outro, os modelos de clareza e rigor que distinguem a filosofia analítica do século xx" (Idem, p. ix). Ele realizou um trabalho exegético no *Prefácio*, extraindo dele algumas sentenças que deveriam representar o núcleo do materialismo histórico: "pegamos o 'Prefácio' de 1859 como nosso guia" (Idem, p. 28). Então, ele procedeu a uma estrita clarificação dos conceitos.

Fazendo algo que nunca fora feito explicitamente antes, Cohen estabelece uma distinção entre forças produtivas materiais e relações sociais de produção. De um lado, "somente o que contribui materialmente direta e indiretamente na atividade produtiva, como Marx a definiu, conta como força produtiva" (Idem, p. 34), de outro, "as relações de produção são relações de poder efetivo agindo sobre pessoas e forças produtivas" (Idem, p. 63). Sempre ocorre um processo material quando as formas sociais variam. O materialismo de Cohen opõe "material" não a "mental", mas a "social". As forças mentais, como a ciência, são, na verdade, um subconjunto das for-

ças materiais. O conteúdo é material, como uma relação atemporal entre homem e natureza, ao passo que a forma é social; como um modo social específico, correspondendo a um período dado. Desta maneira, é possível hoje mostrar as conexões internas a uma formação social e que "também serve para apoiar a crítica revolucionária do capitalismo" (Idem, p. 105) substituindo, aliás, o aspecto crítico e revolucionário do método dialético. Essa não é a idéia de Marx, que não era detalhista a esse ponto, já que ele evoca ao mesmo tempo as forças produtivas materiais e sociais. Realmente, forças produtivas são materiais e elas se tornam sociais. Agora, é preciso uma ciência para desvendar a forma social escondida por trás e misturada com o conteúdo material de uma sociedade. Tal ciência é a crítica da economia política, denominada *marxismo*. Cohen faz uma estrita separação conceitual entre três conjuntos de coisas, "as forças produtivas, as relações de produção e a superestrutura, em meio às quais algumas conexões explicativas são estabelecidas" (Cohen, 1982, p. 28).

Ele representou o materialismo histórico como um estruturador de teses, a saber, a Tese do Desenvolvimento, segundo a qual as forças produtivas se desenvolvem incessantemente através da história, e a Tese da Primazia, segundo a qual as forças produtivas teriam uma primazia explicativa sobre as relações de produção. A Tese do Desenvolvimento foi criticada como sendo um determinismo, como um "marxismo da escolha trans-histórica" (Roberts, 1996, p. 81). Fazendo coro com Plekhánov, Cohen considera a história como progresso. Tal abordagem apóia-se sobre três elementos concernentes à natureza humana e ao homem frente à história: racionalidade, escassez e inteligência. Numa situação de escassez, os seres humanos podem ser racionais o suficiente para utilizar suas inteligências de modo a aumentar as forças produtivas.

A Tese da Primazia pode ser explicada da seguinte maneira: "O nível atual de desenvolvimento das forças produtivas determina qual é a relação de produção que pode permitir um desenvolvimento posterior das forças produtivas" e as "relações de produção que per-

mitem o desenvolvimento da força produtiva existem porque elas permitem atualmente o desenvolvimento das forças produtivas", logo, "o nível de desenvolvimento das forças produtivas explica a natureza das relações de produção". Cohen parece afirmar que o interesse da classe dominante corresponde ao interesse da humanidade e ao desenvolvimento das forças produtivas. Nesse sentido, ele é um marxista smithiano, segundo o qual o comportamento individualista racional conduziria ao desenvolvimento econômico.

Na verdade, não há trans-historicidade no desenvolvimento das forças produtivas, mas uma coincidência transitória entre os interesses da classe dominante e o desenvolvimento dessas forças. A adição de um componente estrutural permite-nos lidar com a transformação de época, coisa que Cohen não faz. Enquanto as forças produtivas determinam as relações de produção, as relações de produção, por sua vez, condicionam as forças produtivas, com um "zigue-zague 'dialético' entre forças e relações" (Cohen, 2000, p. 138). Somente uma transformação da forma social pode libertar o conteúdo social.

"Nossa versão de materialismo histórico pode ser chamada de tecnológica, mas o tema do determinismo não será discutido nesse livro" (Idem, p. 147, 1n). Contudo, uma das principais críticas que Cohen sofreu foi a de que ele seria um determinista tecnológico. Tal qual a ortodoxia determinística da Segunda Internacional, Cohen parece considerar o progresso como teleológico. Ele lida com a história como se ela fosse uma corrida de revezamento na qual as estruturas sociais substituem-se mutuamente pelo melhoramento gradual das forças produtivas. Não obstante, uma estrutura social pode muito bem destruir as forças produtivas e marchar para trás, mas Cohen considera isso um caso patológico. Portanto, a visão de Cohen pode ser encarada como um tipo de concepção etapista. Ele parece afirmar que o socialismo é inevitável e que o comprometimento político seria desnecessário. Entretanto, a história é a atividade dos seres humanos produzindo em vista de seus próprios interesses e a história do porvir não é necessariamente o objetivo da história do passado.

Por tal razão, Cohen pode ser acusado de historicismo, uma vez que confunde leis e tendências da história. Ele veta ao materialismo histórico a possibilidade de contradições no desenvolvimento histórico. Sua compreensão é engessada no sentido de que o desenvolvimento histórico não pode ser reduzido a uma sucessão de correspondências e de contradições entre forças e relações. Cohen concebe a história não como uma necessidade, mas como um destino. Sua estrita separação entre forças e relações permite-lhe expor a história de maneira atrativa, mas ele carece da interpenetração dialética que constitui a história, assim ele confunde história real e universal.

Os homens estão fazendo a história, em condições que eles não escolheram e a saída é a transformação da racionalidade para a ação. "Os filósofos se limitaram a interpretar o mundo de diversas maneiras; cabe transformá-lo", dizia Marx. O encadeamento das forças produtivas é algo necessário para a revolução ocorrer e ter sucesso, mas ele não é suficiente. Se não houver agente potencial de transformação social, a revolução não vai ocorrer pelo simples fato de que houve uma contradição entre forças e relações. As classes dominantes têm oportunidades para prevenir o desenvolvimento da habilidade da classe trabalhadora de existir enquanto classe para si. Pode ser que Cohen esteja mais focado nos períodos não-transicionais, mas isto significa um passo para além do marxismo enquanto teoria de mudança social.

Uma defesa da explicação funcional

Assim, Cohen parece defender uma teoria da "inevitabilidade histórica" (Levine, Wright & Sober, 1992, p. 53) e ele poderia ser acusado de teleologia. Tendo eliminado o materialismo dialético do marxismo, ele afirma que Marx "fracassou ao não dizer, aqui e alhures, qual tipo de explicação ele estava utilizando como hipótese" (Cohen, 2000, p. 178). Então, ele propõe que as explicações centrais no materialismo histórico são funcionais, de um lado, entre relações

de produção e forças produtivas e, de outro, entre base e estrutura. Relações de produção poderiam ser funcionais para o desenvolvimento das forças produtivas e a superestrutura poderia ser funcional para a estabilidade da base econômica.

Cohen afirmou :

> Eu não quis associar materialismo histórico com explicação funcional por achar que a explicação funcional era algo bom e, portanto, o marxismo deveria partilhar dela. Eu comecei comprometido com o marxismo e minha ligação com a explicação funcional depreendeu de uma análise conceitual do materialismo histórico (1982, p. 28).

A explicação funcional também é usada nas ciências naturais, especialmente na biologia. Cohen precisa dela para evitar incoerências na explicação das relações de produção através das forças produtivas. Ele está estendendo Hempel às ciências sociais:

> Minha luta para que a condição do Marxismo seja tal que seus aderentes se justifiquem pela proposição de amplas e não-elaboradas explicações funcionais será mais credível se os cientistas em outros domínios tiverem, num certo nível, tido uma posição intelectual similar. Além do mais, creio que os historiadores naturais estavam nessa posição antes que Darwin avançasse nesse terreno (Cohen, 1980, p. 133).

Eis porque Cohen compara o materialismo histórico com o lamarckismo em biologia, em outras palavras, a seleção natural é explicada pela adaptação das espécies a seu meio-ambiente natural. Contudo, ao passo que Marx se valia de uma metáfora evolucionária em *lato sensu,*[3] Cohen desenvolve uma analogia específica, com distinções precisas entre o lamarckismo e o darwinismo. A carga de determi-

---

[3] "A despeito da falta de sutileza inglesa no núcleo, este é o livro [Darwin, *Seleção Natural*] que contém o fundamento de nossa concepção histórico-natural." ("Carta de Marx a Engels, 19 de dezembro de 1860" cf. Marx, 1973, p. 20).

nismo permanece, uma vez que a explicação funcional não é capaz de abastecer nenhum mecanismo. O ponto é que a luta de classes é muito mais rica que a luta pela vida na natureza, e Cohen está reduzindo o projeto revolucionário de Marx e Engels. A cientificidade do materialismo histórico deve-se ao fato de que ele esclarece o nascimento, a vida, o crescimento e a morte de um organismo social. E a explicação funcional em ciências humanas não goza de boa reputação na academia, especialmente nas anglófonas. Ela é acusada de ser a-histórica, teleológica, holística, aproximativa, mentalmente preguiçosa...

Não obstante, a interpretação de Cohen estava muito próxima do conteúdo substancial do marxismo.

O primeiro livro do marxismo analítico

"Cohen e seus colaboradores cruzaram casualmente a supostamente intransponível fronteira entre o Marxismo e o *mainstream* acadêmico em filosofia e teoria social" (Callinicos, 1989, p. 4). Com esse livro, Cohen almejou não defender o marxismo enquanto tal, mas somente uma parte dele, notadamente o materialismo histórico. A clareza e o rigor são apenas um princípio que qualquer autor deveria levar em conta: aqui, ele é o núcleo da construção intelectual de Cohen. Como um programa de pesquisa, o materialismo histórico foi submetido a testes. "Minha vida intelectual foi mais de quarenta anos decidindo entre o que deveria ser abandonado e o que deveria ser mantido no marxismo e na doutrina socialista" (Cohen, 2001).

Cohen dissociou a teoria da história do resto de Marx e assim ele abriu alas para o marxismo positivista. A utilização de ferramentas tradicionais da ciência social burguesa não é nada nova no marxismo. Otto Neurath, um dos fundadores do Círculo de Viena, pode ser considerado o primeiro marxista analítico. Enquanto marxista, ele utilizou o empirismo e o realismo contra o hegelianismo, criti-

cando-o como um *nonsense* científico e filosófico, já que não é nem verificável, nem analítico. Contudo, pode ser excessivo e esquemático afirmar que a filosofia analítica é completamente impermeável às noções hegelianas, tal qual a contradição. Quine e Sellars, por exemplo, apoiavam os projetos hegelianos, como a desconstrução. Já a filosofia analítica tende a preferir o atomismo como um nível elucidativo. "Quando tal 'holismo' é afirmado enquanto objeto de princípio, todos os marxistas analíticos deveriam se opor a ela: uma micro-análise é sempre preferível e, em princípio, sempre possível" (Cohen, 2000, p. xxiii).

O objetivo de Cohen era defender a teoria marxista da história como parte do núcleo do "programa de pesquisa" marxista do qual as áreas não-científicas deveriam ser limpas. Como toda teoria postulando o estatuto de ciência, toda parte do marxismo deve ser submetida ao teste e à crítica, como Lakatos o fez. A metodologia de Lakatos permite testar uma teoria ao separar as partes essenciais das secundárias:

> A teoria de Marx, como um todo, não é estritamente monolítica e as suas partes saudáveis são passíveis de serem reveladas ao se extirpar as partes doentes. Tal empreitada recebe um apoio substantivo considerável com a obra de G. A. Cohen por meio dos largos sendeiros do projeto teórico de Marx. O texto de sua contribuição pioneira, *Karl Marx's theory of history*, está coalhado de distinções cuidadosas entre os resultados que dependem ou não da teoria do valor-trabalho (Carling, 1984-1985, p. 408).

Assim, "embora você não precise ler Galileu ou Newton para ser um bom físico (é aos historiadores da física e não aos físicos que cabe fazê-lo), ainda não progredimos o suficiente para deixar de ler Marx" (Cohen, 2000, p. xxvii-xxviii). Marx ainda denuncia o positivismo como cientificamente inferior no campo da economia política clássica e politicamente, no do socialismo utópico.

Cohen pertence à geração de intelectuais radicais anglófonos que foram influenciados pela moda althusseriana na Europa Continental. Seguindo Althusser, ele advoga a ruptura epistemológica entre o Marx jovem e o adulto, mas ele o desvencilha de seu estruturalismo anti-humanístico:

> O *Pour Marx* de Althusser me persuadiu de que o Marx perenemente importante está fundado n'*O Capital* e em seus escritos preparatórios (...). Talvez se deva lamentar que o positivismo lógico, com sua insistência no comprometimento intelectual, nunca tenha se popularizado em Paris (...). A moda althusseriana poderia ter tido conseqüências infelizes para o marxismo na Grã-Bretanha, onde a lucidez é uma preciosa herança, e onde não se supõe geralmente que uma afirmação teórica, para ser considerada como tal, deve ser difícil de ser entendida (Idem, p. x).

Em diversos pontos, Cohen foi um precursor, influenciado nesse sentido por Althusser: o materialismo histórico e a dialética hegeliana seriam opostos, os conceitos básicos em qualquer estrutura devem ser sistematicamente questionados e clarificados e não existiria nada como uma metodologia especificamente marxista. Althusser estava negando o materialismo dialético enquanto "monstruosidade filosófica que pretende defender o poder" (Althusser, 1994, p. 31-32). Quando escreveu aquele livro, o objetivo de Cohen provavelmente não era fundar uma escola. Contudo, *Karl Marx's theory of history* não pode ser estudado sem levar em conta que ele deu o tom de uma série de debates. O livro seduziu diversos autores que eram simpáticos ao marxismo, mas não gostavam de seu pano-de-fundo metodológico: "Não seria correto exagerar a importância de uma obra somente no estabelecimento de uma agenda de pesquisa, mas estaríamos de acordo ao afirmar que a gênese do marxismo analítico pode ser procurada na obra de G. A. Cohen, *Karl Marx's theory of history: a defense*, de 1978. A publicação desse livro, então, veio dar

um ponto de encontro para um grupo de eruditos cuja simpatia pelo marxismo estava seriamente abalada por aquilo que eles consideravam como o laxismo e a deselegância da erudição marxista contemporânea" (Roberts, 1996, p. 1).

Ao estudar uma parte do *corpus* marxiano separada do resto, desvencilhando dessa forma o marxismo do materialismo dialético, Cohen propôs um marxismo sem um método marxista específico, contrariamente ao assim chamado marxismo ortodoxo:

> O livro de Cohen fez algo que nunca fora feito anteriormente: ele definiu a teoria do materialismo histórico como um conjunto de teoremas deduzidos de um conjunto de postulados e ele sujeitou a validade dos postulados e das inferências advindas deles a um exame minucioso, que veio a ser o carimbo do marxismo analítico" (Roemer, 1994, p. x)

Cohen era membro do "Grupo de Setembro", iniciado por ele, Elster e Roemer, que se encontra todo setembro desde 1979. Ele reúne eruditos que não são hostis ao marxismo, mas não necessariamente marxistas, e eram de início, Brenner, Cohen, Elster, Van Parijs, Przeworski, Roemer, Steiner, Van der Veen e Wright.[4] O trabalho sistemático iniciado por Cohen preparou o caminho para muitas obras que se tornaram referências no marxismo, em *Studies in marxism and social theory*, apresentado como: "os livros em série têm por objetivo exemplificar um novo paradigma no estudo da teoria social marxista. Eles não serão dogmáticos ou puramente exegéticos em sua abordagem. Assim, eles vão examinar e desenvolver a teoria iniciada por Marx, à luz da história interventora, e com as ferramentas da ciência social não-marxista, e da filosofia. Espera-se que o pensamento marxista se liberte doravante dos métodos e pressupostos cada vez mais desacreditados que ainda lhe são amplamente encarados como essencial

[4] Samuel Bowles juntou-se ao grupo em 1987, Joshua Cohen em 1996. Jon Elster e Adam Przeworski o deixaram em 1993.

e que o que seja verdadeiro e importante no marxismo seja mais firmemente estabelecido".[5]

Além do materialismo histórico, essas obras incluem pesquisas acerca da teoria do valor-trabalho, classes sociais, ciência política, transições históricas, entre outras coisas. O objetivo da escola era estudar o marxismo com as ferramentas tradicionais do *mainstream* do pensamento acadêmico (principalmente a filosofia analítica e o positivismo lógico e, secundariamente, economia neoclássica). Cohen costuma se chamar de "marxista sem-bobeira". "Antes que os outros me dissessem que o que eu faço se chama 'marxismo analítico', eu costumava chamá-lo de 'marxismo sem-bobeira'" (Cohen, 2000, p. xxv). Para Cohen, é preciso escolher entre bobeira e marxismo. Por bobeira, ele entende, em geral, uma postura intelectual equivocada. Podemos imaginar que deva ser algo como dialética, como numa resposta a críticos como Sayers, Sayer ou Smith, que o acusavam de ser não-dialético e a-histórico. "Não há isso de forma dialética de raciocínio que seja capaz de desafiar o raciocínio analítico. A crença na dialética como um rival da análise prospera somente numa atmosfera de pensamento confuso" (Idem, p. xxiii).

Enquanto programa de pesquisa, o marxismo experimentou, segundo Cohen, uma revolução científica, passando da era pré-analítica para a analítica. O objetivo seria "preservar o programa clássico de pesquisa por meio: (a) da reconstrução da teoria da história ao longo das linhas não-hegelianas e (b) substituindo a teoria clássica do valor-trabalho pela teoria contemporânea do equilíbrio geral" (Carling, 1997, p. 770).

O marxismo analítico foi algumas vezes confundido com o marxismo da escolha racional, notadamente em razão do uso da teoria dos jogos, do individualismo metodológico e da economia neoclássica.[6] Essa afirmação deve ser invalidada porque somente alguns do

---

[5] Epígrafe publicada em cada livro da série.

[6] "As questões-chave do materialismo histórico exigem referências a formas específicas

grupo estavam envolvidos com a teoria da escolha racional, notadamente Jon Elster, John Roemer e Adam Przeworski. Contudo, o debate no seio do marxismo analítico tornou-se uma discussão em torno do marxismo da escolha racional, especialmente ao redor do livro de Elster, *Making sense of Marx*. Por um lado, os defensores do *mainstream* acadêmico que tinham alguma simpatia pelo marxismo aplaudiram o livro (cf. Carling, 1985-1986; Mclennan, 1986, p. 42-43). Por outro, os eruditos marxistas que estavam envolvidos com o marxismo ortodoxo acusaram-no de deformação, difamação, incoerência, desprezo, de ser um positivista não-dialético, um superficial e dogmático popperiano, de ter escrito uma obra não-marxista (Mccarney, 1986; Ryan, 1986; Sayer, 1987). Esse livro veio depois de um longo debate entre o individualismo metodológico de Elster e a explicação funcional de Cohen. Estando mais próximo do *mainstream* acadêmico, Elster aparentemente impôs seu ponto de vista na discussão e influenciou Cohen:

> A teoria dos jogos tem por objetivo explicar as vicissitudes da luta e as estratégias utilizadas nela, mas ela não pode dar uma resposta marxista à questão de porquê as guerras (opostas às batalhas) de classe são feitas de tal modo e não de outro (Cohen, 1982, p. 27).

Em nome da exatidão, o marxismo foi engolido pela ciência social antimarxista. Pode até ser que a teoria da escolha racional leve a saídas mais fáceis, recobertas de um verniz científico, mas ela tem dois defeitos principais mortais para qualquer teoria social cuja tarefa é explicar e mudar o mundo: de um lado, ela enfraquece enormemente o poder explicativo do marxismo, de outro, ela aniquila seu projeto revolucionário:

---

da luta de classes, e (...) uma compreensão de tal luta é elucidada pela teoria dos jogos (...) A análise de classe exige microfundações no nível do indivíduo para explicar porquê e quando as classes são uma unidade relevante de análise." (Roemer, 1982a, p. 513-520).

> O marxismo analítico ocidental florescerá e se expandirá somente na medida em que ele possuir aqueles elementos míticos no pensamento de Marx que estão fadados ao esgotamento. Ao mesmo tempo, eliminando o conteúdo mítico presente no marxismo ele o furtará de seu poder distintivo e acelerará sua reapropriação pela ciência social burguesa (Gray, 1983, p. 1461).

Revisão de suas afirmações centrais

Com Cohen e o marxismo analítico, o marxismo entrou na universidade, mas teve que pagar um certo preço: a revisão de algumas das afirmações marxistas, notadamente sobre o materialismo histórico. Três dos quatros artigos adicionais do livro de Cohen lidam com o materialismo histórico. "Disse acima que a teoria herdada deve ser remodelada e ofereço no fim desta edição algum esforço nesse sentido, através dos capítulos xii-xv" (Cohen, 2000, p. xxviii).

De fato, eles foram pela primeira vez publicados na primeira metade dos anos 1980. Acusado de determinismo, Cohen se viu obrigado a enfraquecer sua defesa inicial do materialismo histórico e privilegiar posturas normativas. Uma das contribuições originais de Cohen foi a distinção entre relações "sociais" de produção e forças produtivas "materiais". Contudo, num artigo seguinte, ele separa a antropologia filosófica marxista e o materialismo histórico, substituindo sua antiga distinção por outra idealista entre "material" e "espiritual". Ele afirma que o materialismo histórico, enquanto uma teoria marxiana da história, é independente da antropologia filosófica enquanto teoria marxiana da natureza humana: "a aparente dependência da teoria marxista da história da teoria marxista da natureza humana é uma ilusão" (Idem, p. 366). É uma guinada brusca, já que em 1978 ele fundava o materialismo histórico especialmente sobre a natureza humana, mas às expensas dele. Os homens têm uma história porque precisam produzir suas vidas, não por sua natureza,

mas por forças das circunstâncias. Antes de qualquer outra pessoa, Cohen distinguiu dois tipos de materialismo histórico, um núcleo e uma periferia: um materialismo histórico inclusivo, para o qual a história é centralmente o desenvolvimento das forças produtivas e um materialismo histórico restrito, em que a história é, dentre outras coisas, o desenvolvimento das forças produtivas. O segundo permite uma explicação dos fenômenos espirituais independentemente do campo material. Indubitavelmente, Cohen o prefere já que "o que veio sendo afirmado não poderia ser guardado numa consciência intelectual, exceto ao preço de se relaxar o controle da razão, o que não é um preço aceitável" (Idem, p. xxv).

Agora Cohen começou a contornar um de seus antigos obstáculos, a saber, "o que Marx escreveu". Ele permite a Marx e Engels um materialismo histórico inclusivo e se considera um defensor daquele de tipo restrito. A distinção entre os dois aparece no "Prefácio" por meio da seguinte sentença: "Não é a consciência dos homens que determina seu ser, pelo contrário, é seu ser social que determina suas consciências". Para qualquer marxista clássico, isso é o núcleo do materialismo marxiano, mas não para Cohen: "Se removermos essa sentença, o que resta está, segundo minha opinião, aberto para o *constructo* restrito" (Idem, p. 376). Infelizmente, restou-nos algo muito distante do marxismo. Cohen explicitamente ataca Marx com uma elaboração inclusiva do materialismo histórico, que ele considera como tendo influência hegeliana: "Portanto, quando ele substituiu o idealismo hegeliano por seu próprio materialismo, ele reteve o inclusivismo da doutrina rejeitada. Talvez, ao invés de tê-lo colocado de ponta-cabeça, ou da maneira correta, Marx teria feito melhor, após ter derrubado Hegel, de tê-lo deixado lá, num plano horizontal. As coisas realmente importantes que Marx tinha para dizer, sobre a História e a libertação da humanidade, não exigiam dele inverter o sentido da seta entre consciência e ser" (Idem, p. 381).

Aqui Cohen falha em atingir a relação dialética entre marxismo e hegelianismo. Marx rejeitou o conteúdo idealista de Hegel, mas ele

fez uso de seu método dialético enquanto modo necessário de explicação. Nesse sentido, Cohen se aproxima da concepção mecanicista dos primeiros materialistas. Sua defesa inicial é colocada em questão. Ao que parece, Cohen foi enfraquecido por seus críticos. Tudo o que ele pode manter do materialismo histórico é a versão restrita, longe daquela do Marx da teoria subversiva. A primeira concepção etapista de Cohen o proíbe de considerar o movimento da história real, em sua ocorrência real.

Em direção à normatividade

Então veio sua separação não-marxista entre objetos normativos e científicos. Realmente, Cohen sempre foi ligado tanto ao materialismo histórico quanto à teoria normativa. Isso advém de sua ruptura completa com o método hegeliano. Provavelmente sob a influência de John Roemer, para quem a exploração não tem nada a ver com o trabalho excedente, mas com a injustiça social, ele passou a dar seriamente mais prioridade à parte normativa, já no começo dos anos 1990:

> As questões sobre base e superestrutura e forças e relações de produção (...) me ocuparam por mais ou menos vinte anos, depois meus interesses se desviaram decisivamente em direção da filosofia política e moral. Creio, por outro lado, que nosso desvio de atenção é explicado pelas profundas mudanças na estrutura de classe das sociedades capitalistas ocidentais, mudanças que colocam problemas que não existiam antes, ou melhor, que antes tinham um significado político menor. Esses problemas normativos hoje têm um grande significado político (Cohen, 1990, p. 364).

Como vimos, Cohen repudiou o materialismo histórico e agora privilegia a teoria moral, como se voltasse ao socialismo utópico ou

ao pensamento kantiano. "Tanto ceticismo acerca do materialismo histórico deveria deixar o projeto socialista mais ou menos onde ele estaria de outra maneira" (Cohen, 2000, p. 342). A saída seria encontrar um meio termo entre o direito pessoal e o dever social. Ele está longe de sua antiga posição: "O *Manifesto comunista* escarneceu aqueles que lutavam contra o capitalismo em nome dos valores que ele corroía" (Cohen, 1974). Ele deve partir do paradigma para justificar suas afirmações morais, e para ficar em harmonia. De uma verdadeira tentativa de renovar o marxismo, Cohen finalmente removeu toda sua especificidade enquanto ciência social, implicitamente reconhecendo a conclusão de Roemer: "Não está absolutamente claro como os marxistas analíticos vão se diferenciar dos filósofos não-marxistas como Ronald Dworkin e Amartya Sen" (Roemer, 1986, p. 191). Subjetividade e autoconsciência substituíram a objetividade da ciência e o marxismo foi absorvido pela "ciência social burguesa".

O marxismo não se interessa por assuntos relativos à moral, mas tem por objetivo estudar a história real e as condições existentes, ao invés de indivíduos imaginários. Agora, a luta de Cohen pelo socialismo repousa sobre objetos morais ao invés de reivindicações históricas. Com efeito, objetos morais são metodologicamente imprecisos. Para Marx, o socialismo é necessário não porque ele é bom para a humanidade, mas porque é necessário ao desenvolvimento das forças produtivas, constrangidas pelo antigo modo de produção, a saber, o capitalismo. O marxismo de Cohen não difere muito do liberalismo igualitário: "O que distingue o marxismo, a partir do nosso ponto de vista, dos marxistas analíticos, é um compromisso para com a sociedade da propriedade social e da igualdade, um compromisso com a propriedade social e o interesse na igualdade" (Cohen, 2001).

Ao distinguir ética, lógica e epistemologia, Cohen e o marxismo analítico substituíram uma teoria social universal por outra eclética: "os termos que constituem as 'singularidades' do marxismo analítico, contudo, não estão fixados em nenhum sentido ontológi-

co, mas somente em virtude de sua exclusividade lógica em relação ao resto do sistema de descrições que constitui a teoria" (Kirkpatrick, 1994, p. 38).

Cada vez fica mais claro que Cohen se afastou do marxismo científico. Começando com a ruptura epistemológica althusseriana, ele terminou no ponto diametralmente oposto, a saber, o humanismo não-científico. A revolução tornou-se um assunto da consciência individual ao invés de um tema da luta de classes. Então, desde o começo dos anos 1990, Cohen vem lidando com o assunto da revolução dos trabalhadores como um conjunto de condições, não como uma necessidade material: "Aquela classe, tradicionalmente concebida, tem quatro características que, tomadas em conjunto, garantem que será produzida uma revolução socialista. Primeiro, ela é o segmento da sociedade do qual toda a produtividade depende. Segundo, ela constitui a grande maioria da sociedade. Terceiro, ela é composta por pessoas exploradas da sociedade. E, finalmente, seus membros passam por uma séria necessidade; eles carecem substancialmente dos elementos essenciais de uma vida plena" (Cohen, 2001).

Considerando que elas nunca estão presentes juntas, ele afirma que "certamente não haverá essa sociedade em comunidade e igualdade pela qual continuamos a lutar" (Idem).

Conclusão

O marxismo de Cohen é hoje uma teoria da justiça social, argumentando contra Nozick sobre a autopropriedade e contra Rawls acerca da redistribuição. Seu último livro – Cohen, 1999 – não tem mais nada a ver com cientificidade, mas com justificação normativa, mesmo quando ele é uma demonstração direta. A crítica de Cohen parece ter se tornado não-científica e normativa. "Em todo caso, está claro que o sentido no qual o marxismo sobrevive, segundo Cohen, não seria facilmente reconhecido por seus fundadores"

(Callinicos, 2001). Inicialmente, ele tentou avançar uma defesa séria da teoria de Marx, mas suas premissas ideológicas permitiram que ele fosse criticado por seus colegas filósofos analíticos. O resultado principal disso foi a fundação do "marxismo neoclássico" – posto de outra forma, um marxismo antimarxista, destruindo seu próprio objeto. Ambos os constrangimentos da obra de Cohen se provaram irreconciliáveis, considerando a definitiva inclusividade do marxismo. No final das contas, entre o que Marx escreveu e a filosofia analítica, Cohen escolhe a segunda. A partir de uma interpretação tecnológica do materialismo histórico, ele acaba numa teoria não-marxista, e seu erro parece ser atribuído mais a um método não-marxista que ao marxismo.

Referências bibliográficas

ALTHUSSER, Louis. *Sur la philosophie*. Paris: Gallimard, 1994.

CALLINICOS, Alex. *Marxist Theory*. Oxford: Oxford University Press, 1989.

———. Review of Cohen, Dworkin, Roemer. *Historical Materialism*, v. 9, n. 1, p. 169-195, 2001.

CARLING, Alan. Analytical and Essential Marxism. *Political Studies*, n. 45, p. 768-783, 1997.

———. Observations on the Labor Theory of Value. *Science and Society*, v. 48, n. 4, p. 407-418, 1984-1985.

———. Review of Elster's *Making sense of Marx. Science and Society*, v. 49, n. 4, 1985-1986.

COHEN, Gerald A.. Marx's Dialectic of Labour. *Philosophy and Public Affairs*, v. 3, n. 3, p. 235-261, 1974.

———. Functional Explanation: Reply to Elster. *Political Studies*, v. 28, n. 1, p. 129-135, Mar. 1980.

———. Functional Explanation, Consequence Explanation and Marxism" *Inquiry*, n. 25, p. 27-56, 1982.

COHEN, Gerald A. Marxism and Contemporary Political Philosophy, or: Why Nozick Exercises some Marxists more than he does any Egalitarian Liberals. *Canadian Journal of Philosophy*, Supplementary, v. 16, p. 363-387, 1990.

———. *Karl Marx's theory of history:* a defence. Edição Ampliada. Princeton: Princeton University, 2000.

———. A Brief Look at Socialism: An Interview. *Pensées*, *Canadian Undergraduate Journal of Philosophy*, v. 2, 2001.

ELSTER, Jon. *Making Sense of Marx*. Cambridge: Cambridge University, 1985.

GRAY, John. The System of Ruins. *Times Literary Supplement*, 30 dez. 1983, p. 1461.

KIRKPATRICK, Graheme. Philosophical Foundations of Analytical Marxism. *Science and Society*, v. 58, 1994.

LEVINE, Andrew; WRIGHT, Erik O. & SOBER, Elliott. *Reconstructing Marxism*: Essays on Explanation and the Theory of History. London: Verso, 1992.

MARX, Karl. *A Contribution to the Critique of Political Economy*. London: Lawrence & Wishart, 1971.

———. *Lettres sur les sciences de la nature*. Paris: Éditions sociales, 1973.

MCCARNEY, Joseph. A New Marxist Paradigm? *Radical Philosophy*, n. 43, p. 29-31, 1986.

MCLENNAN, Gregor. A New Marxist Paradigm: Review of *Making Sense of Marx*. *Radical Philosophy*, n. 42, p. 42-43, 1986.

NOWAK, Leszek. The Adaptative Interpretation of Historical Materialism: A Survey – On a Contribution to Polish Analytical Marxism. *Poznan Studies in the philosophy of the sciences and the humanities*, n. 60, p. 201-236, 1998.

ROBERTS, Marcus, *Analytical Marxism:* A Critique. London: Verso, 1996.

ROEMER, John. *A General Theory of Exploitation and Class*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

———. Methodological Individualism and Deductive Marxism. *Theory and Society*, v. 11, n. 3, p. 513-520, 1982a.

———. *Foundations of Analytical Marxism*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

———. *Analytical Marxism*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

RYAN, Alan. The Marx Problem Book. *Times Literary Supplement*, 25 abr. 1986.

SAYER, Derek. *The Violence of Abstraction:* The Analytic Foundations of Historical Materialism. Oxford: Basil Blackwell, 1987.

SAYRE, Robert. La gauche contemporaine aux Etats-Unis: mouvements d'hier et pensée d'aujourd'hui. Présentation. *L'Homme et la Société*, v. 93, n. 3, 1989.

SINCLAIR, Upton. *The Goose-Step:* Study of American Education. Pasadena: ed. do autor, 1923.